



Um gorila não é um gorila não é um gorila



Juan Mayorga devia esta visita ao gorila albino do zoo de Barcelona. Os Artistas Unidos deviam esta visita a Juan Mayorga. São as “Últimas Palavras do Gorila Albino”, amanhã, no FITEI. *Inês Nadais*

Acabámos de chegar ao jardim zoológico de Barcelona, acabámos de saber que Floquet de Neu (o cidadão exemplar que o alcaide de Barcelona usa como se usa uma condecoração, o catalão universal que produz 13.500 resultados no google) vai morrer à nossa frente - e ainda não sabemos quais são as últimas, mas já sabemos quais são as primeiras palavras do gorila albino. Ele nunca teve nada contra o urso panda do zoo de Madrid.

Pára tudo. É como se descobrissemos agora, postumamente, que Krutchev nunca teve nada contra Nixon - e que a guerra fria não foi uma coisa que eles fizeram por nós, foi uma coisa que nós fizemos por eles.

O mundo dividido ao meio, Espanha dividida ao meio (um gorila não é um gorila não é um gorila, um urso panda não é um urso panda não é um urso panda: isto é Barcelona contra Madrid, e é preciso escolher de que lado estamos), e agora, postumamente, este revisionismo: um dramaturgo espanhol que nunca visitou o gorila albino porque era um miúdo de Madrid (um miúdo do urso panda, portanto) escreve as palavras que ele nunca nos dirá. Imaginamos que palavras possam ser, depois de lermos o que outro escritor, Italo Calvino, viu quando viu o gorila albino: “Aquele cara de feições enormes, de gigante triste, volta-se de vez em quando para a multidão dos visitantes que estão para lá do vidro, a menos de um metro de distância; um lento olhar carregado de desolação e de paciência e de tédio, um olhar que exprime toda a desolação de ser como se é (...), todo o desgosto de ocupar o espaço e o tempo com a sua própria presença, tão embaraçante e tão vistosa”.

“Últimas Palavras do Gorila Albino”, que teve antestreia ontem no Centro Cultural Vila Flor, Guimarães, e terá estreia amanhã, penúltimo dia do FITEI - Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica, no Teatro do Campo Alegre, Porto, é a visita que Juan Mayorga devia ao cidadão exemplar do zoo de Barcelona - “Estava convencido de que só as pessoas de Barcelona podiam visitá-lo. Era óbvio que um miúdo de Madrid tinha de se contentar em vê-lo pela televisão. A minha primeira recordação dele é esta: o macaco ao fundo e, em primeiro plano, um director do jardim zoológico. A dado momento, o director diz para o ecrã: ‘Floquet de Neu é muito mais importante do que o urso panda do zoo de Madrid’. Lembro-me de ter perguntado para mim próprio (ainda hoje pergunto): Porque é que fala de Madrid? O que tem Madrid a ver com isto? Na altura, eu não sabia que Floquet de Neu era muito mais que um macaco”. E é a visita que os Artistas Unidos deviam a Juan Mayorga.

Assunto nuclear: o poder

“Conheci o Juan há cinco anos. Era um autor ainda muito marginal, pouco representado em Espanha, com algumas coisas, não muitas, traduzidas para inglês e francês. Entretanto começou a crescer, tanto em Espanha como no resto da Europa - e também por cá. É possível que o teatro dele comece a libertar-se dos Artistas Unidos, coisa que muito me agrada”, diz ao Ípsilon Jorge Silva Melo, que encena esta terceira ida dos Artistas Unidos a Mayorga, depois de “Departamento de Justiça” (texto incluído em “Conferência de Imprensa e Outras Aldrabcices”) e “Hamelin”.

Silva Melo leu as “Últimas Palavras do Gorila Albino” e sublinhou menos as partes em que se trata dessa guerra fria entre Madrid e Barcelona do que as partes em que se trata da última

“Esta peça é sobre a tremenda verdade de um gorila que, antes de morrer, quer dizer que odeia os seus espectadores - e que é uma verdade que muitos actores têm, uma espécie de desprezo pelo palco”
Jorge Silva Melo

tentação do gorila albino (João Miguel Rodrigues), a tentação de dizer finalmente a verdade. “Esta peça é mais sobre essa liberdade dos momentos antes da morte”, sublinha, “sobre a libertação e a tremenda verdade de um gorila que, antes de morrer, quer dizer que odeia os seus espectadores - e que é uma verdade que muitos actores têm, uma espécie de desprezo pelo palco. Eu sempre quis ser velho: os velhos têm direito a ser casmurros, a ser mal-educados, os jovens só têm obrigações. Este gorila já não tem obrigações”.

Ao contrário de outras personagens do interminável bestiário de Mayorga (e sobretudo ao contrário dos cães de “Animais Nocturnos” e de “La Paz Perpetua”), o gorila albino não é o homem a quem chamamos animal, e que acabamos por tratar como um animal: “Não estamos a chamar gorila albino a ninguém. O gorila albino é que está a chamar homens aos homens. Este texto não é tanto sobre esse assunto nuclear no Mayorga - nomear é sempre diminuir”, argumenta Silva Melo. Mas é muito sobre outro assunto nuclear no Mayorga, que é o poder. Dentro da jaula do gorila albino há um macaco preto (Américo Silva) - o sempapéis, o “sideshow” que nunca será uma vedeta porque não teve a sorte, ou o azar, de ter uma doença de pele - e um tratador (Cândido Ferreira) para quem Floquet de Neu olha de cima para baixo. “É um desses homens que já não têm lugar no mundo - a não ser ali. Há muitos homens assim, que estão a chegar ao final de uma vida modesta e que já não têm lugar em casa, porque em casa são dominados pelas mulheres - há um mercado que dá poder às mulheres, o mercado dos cabeleireiros, das revistas do coração, das telenovelas e das lojas dos chineses onde elas podem ir comprar dois soutiens e três flores de plástico, enquanto o homem tem de ir ao Alki, que é sempre mais longe - e que já não têm lugar no café, a ver os jogos de futebol, porque no café passou a ser proibido fumar”, diz Silva Melo.

Agora que o gorila albino vai morrer e que o tratador e o macaco preto vão morrer com ele, agora que o presidente da Câmara discute se devemos guardar o ADN do gorila albino para podermos clonar, em situações de emergência, o cidadão exemplar, agora que toda a cidade faz fila para ver o gorila albino pela última vez (“Gente que, provavelmente, já não se lembrava em que lar tinha deixado o avô ia ver o Floquet”), nós também vamos. As notícias da morte dele não foram assim tão exageradas: não é um gorila que vai morrer, é mesmo um super-homem.

Ver agenda de teatro págs. 40 e segs.